



**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Filosofia da Educação II
Educador: João Nascimento Borges Filho**

**O Ensino na Internet dentro de uma Filosofia da Educação de
Esquerda - Paulo Ghiraldelli Jr**

Universidade Estadual Paulista (UNESP - Marília)

Quando nós, os professores de filosofia e/ou filosofia da educação de esquerda, falávamos das tecnologias educacionais, entre final dos anos setenta e quase durante toda a década de oitenta, tapávamos o nariz. Apesar de havermos aprendido muito com *O Manifesto Comunista*, em relação ao elogio que Marx fez ao desenvolvimento industrial associado ao progresso da técnica, não absorvíamos qualquer idéia da atividade de ensino como algo dependente de técnicas e tecnologias. Todos nós, os de esquerda, no Brasil, tendo ou não lido os frankfurtianos, uma vez que nos interessávamos por educação, olhávamos para qualquer elogio às técnicas e tecnologias com desconfiança. Os que vinham de uma formação ligada à leitura dos frankfurtianos eram completamente avessos à idéia de "novas tecnologias em educação", os que vinham de uma formação que dependia da leitura de Gramsci também.

De Adorno e Horkheimer, apreendemos, às vezes tendo lido seus textos de modo muito seco, que as novas tecnologias tinham a ver com o demônio, que nós havíamos rebatizado com o nome de "razão instrumental". De Gramsci, aprendemos, às vezes também não tendo lido com muita criatividade, que "americanismo e fordismo" eram, na verdade, uma condenação que ia para além da condenação do capitalismo, mas era uma condenação à tecnologia.

Era de esperar que os que falavam da necessidade de termos maior cuidado, na educação, em um sentido positivo, com as novas tecnologias, procurassem outros para conversar. Mas eles iriam conversar com quem?



Frankfurtianos não. Gramscianos não. E os que vinham da fenomenologia? Ora, mas nesse caso, dava alguma conversa? Também não, porque afinal toda a agenda contra a técnica e a tecnologia absorvida pela Escola de Frankfurt tinha sido elaborada, de modo sofisticado, por Heidegger. Então, também por essa via os que queriam avançar discutindo a necessidade de prestarmos atenção nos progressos tecnológicos em educação com mais carinho, sendo ou não de direita, acabaram tendo de ficar à direita.

Eu não vou agora ficar me culpando por ter jogado alguém na direita sem ele merecer, mas também não vou deixar de reconhecer que nós, da esquerda, agimos sem uma reflexão maior ou, ao contrário, agimos, talvez, com reflexão demais! Vou dar um exemplo bem doméstico do que quero dizer.

Nos anos setenta o professor Lauro de Oliveira Lima publicou um livrinho que era uma preciosidade. Eu o li na minha primeira graduação e adorei. Foi de fato um best seller nacional: *Mutações em educação segundo McLuhan*, da Vozes. Naquele livro, Lauro de Oliveira Lima praticamente nos mostrava *mutatis mutandis* o que hoje nada mais é o que assistimos sem ter muito o que reclamar (embora alguns dinossauros ainda reclamem): a facilidade de se recolher informações por vários canais, e a educação se envolvendo com uma tecnologia de ponta capaz de potencializar toda e qualquer forma de ensino em várias direções. Lauro não previu exatamente a internet como modo de ensino, mas chegou muito perto, mais perto do que qualquer um poderia chegar no Brasil naquela época. Mas o balão do professor Lauro durou pouco – dez anos ou menos, logo depois, Lauro de Oliveira Lima já estava desgastado por outros autores.

Como meu exemplo é doméstico, e vai continuar doméstico, o leitor vai ter de me desculpar e investigar mais se o que falo lhe é estranho (não vou colocar notas de rodapé para cada nome que cito). É que, em contraste com Lauro, eu vou lembrar de três outros autores em filosofia da educação, que publicaram antes e depois dele: Paulo Freire, Dermeval Saviani e Joel Martins.

O professor Lauro de Oliveira Lima escrevia a partir de suas leituras em Piaget, aglutinando uma boa erudição na área de educação com um vasto conhecimento em diversas áreas, inclusive na área de dinâmica de grupos. Não se tratava de um apologeta da tecnologia educacional pela tecnologia educacional. Era, sim, alguém que estava sensibilizado com a capacidade de



ampliação de processos de democratização social e de ensino com o aumento da capacidade comunicacional que as novas tecnologias, a seu ver, poderiam proporcionar. Seu ponto geográfico de irradiação era o Rio de Janeiro.

Ora, de São Paulo, e especificamente da PUC-SP, o professor Joel Martins pela fenomenologia, o professor Paulo Freire por um casamento entre várias tendências de leituras – da visão de Dewey ao marxismo frankfurtiano passando por um tipo de gramscismo – e o professor Dermeval Saviani, pela via de um marxismo mais ortodoxo, publicaram livros que minaram o tema do trabalho do professor Lauro de Oliveira Lima. Vejam, eles não jogaram Lauro à direita. Lauro não ficou na mesma posição de alguns que Dermeval Saviani batizou de "tecnicistas" e que, então, tiveram de pedir perdão a todo e qualquer professor por terem escrito o que escreveram após o livro de Saviani, *Escola e Democracia* – livro que obteve também um grande sucesso nos anos oitenta. Mas o professor Lauro teve seu público roubado ou, melhor dizendo, os professores passaram a sofrer outras influências.

Sei bem disso porque na época, entre meados dos anos setenta e oitenta, a editora que fazia sucesso nos meios acadêmicos era a Brasiliense. Isso porque Caio Graco, seu proprietário e o próprio editor, fazia da Brasiliense senão a maior pelo menos a editora de vanguarda. Ela publicava o que havia de novo. Ela inovava. Ela dava o tom. A criatividade de Caio Graco era espantosa e ele sempre estava "antenado". Tanto é que a idéia da campanha das "Diretas Já" ser batizada com a cor amarelo foi dele; ele a trouxe do exterior e a cor amarela realmente deu certo tanto quanto em relação à simbologia nacional quanto em relação ao que precisávamos para aparecer nos comícios, na televisão (e não o branco, que era o neutro, e tinha a ver com a Anistia, e nem o vermelho, que era partidário demais, e nem o azul, que à noite não seria percebido por quem colocasse os comícios na TV). Então, naquelas horas de inspiração maravilhosa, Caio colocou na praça a coleção "Primeiros Passos". E chamou bons intelectuais para escrever. Eu era muito jovem, e não teria espaço na coleção. Mas Caio tinha vista e ouvido para tudo. Então, por indicação do Luís Milanesi, meu livrinho *O que é Pedagogia* caiu nas mãos do Caio e do editor da Coleção *Primeiros Passos*, na época, o Eugênio Bucci. Ora, a Brasiliense já havia encomendado o livro para o professor Lauro de Oliveira Lima e o livro, na verdade, já estava nas mãos do



Caio, ou mesmo já havia sido impresso, se não estou enganado. Mas não foi para a coleção "Primeiros Passos", foi para uma outra, menos popular, e que não decolou muito, a "Primeiros Vãos". Quando apareceu o meu livro na editora, a Brasiliense fechou o contrato comigo e eu sei que o comentário foi o seguinte: "é este que queremos, pois o professor Lauro de Oliveira Lima não acertou a mão!" O do professor Lauro saiu com outro título, pela "Primeiros Vãos", e não teve o sucesso que teve o meu e nem o sucesso que teve os anteriores dele mesmo. Qual o motivo do meu sucesso: é que eu vinha do interior da PUC-SP (quando o programa de pós-graduação da PUC-SP era em filosofia da educação e realmente funcionava, nas mãos do Saviani e da Maria Luiza Ribeiro dos Santos), e eu expressava, ainda que de uma maneira decisivamente partidária, em favor da posição marxista gramscista, o debate do momento e, assim, em parte, eu expressava também toda a polêmica que dominava o cenário paulista, mais tarde irradiada para outros recantos, que era a discussão, em filosofia da educação, que se dava entre Joel Martins, Paulo Freire e Dermeval Saviani. É claro que muitos outros, tão bons quanto esses três, estavam envolvidos na coisa, mas cito esses três porque eles, de certo modo, foram representantes mais visíveis de posições que, pelo seu conflito, soterraram a discussão vinda do Lauro de Oliveira Lima. Então, o meu *O que é Pedagogia* (1986-7), o primeiro e não o segundo (pois fiz um novo livro em 1996), vendeu rapidamente várias edições e impressões (edição – quando o autor revia algo; impressão – quando simplesmente acabavam os cinco mil exemplares e se faziam mais cinco mil e assim por diante).

Ora, mas na discussão nossa, dentro da PUC-SP, não cabia uma apreciação positiva da tecnologia educacional. Na posição de Lauro, sim. Mas nós ganhamos terreno, e então, ficamos com o prêmio: a conquista de não sermos capazes de enfrentar, em filosofia da educação, o que viesse de novo quanto à tecnologia educacional.

Mas vamos agora aos pesos e às medidas. De todos os autores brasileiros que citei, há de se entender que Paulo Freire era internacionalmente conhecido e, de fato, o que havia de mais abrangente e de mais capaz de ser absorvido no exterior, por razões intelectuais, políticas e outras. Joel Martins chegou a ser reitor da PUC-SP, teve um programa de pós-graduação em psicologia da educação nas mãos e, de fato, formou várias pessoas e publicou



bons livros. Mas veio a falecer exatamente nos anos noventa, quando, talvez, pudesse ser reabsorvido pela discussão em filosofia da educação que estava se tornando mais aberta – ou, pelo menos, assim eu gosto de acreditar. Paulo Freire teve mais sorte. Paulo Freire foi jogado contra a parede durante certo tempo, quando voltou do exílio e assumiu aulas na PUC-SP, e então Dermeval Saviani lhe dirigiu críticas que, justas ou injustas, válidas ou não, eram de um bom momento de inspiração. Mas passado um tempo, com a redemocratização geral, ou seja, com o fim das ditaduras de direita na América Latina e, depois, com o fim das ditaduras de esquerda na Leste Europeu e com toda reorganização geopolítica da Europa, Paulo Freire teve suas obras absorvidas por diversas universidades no mundo todo. Tornou-se uma filosofia da educação de tipo exportação. Quando Paulo Freire faleceu, no final dos anos 90, sua obra era uma referência internacional para além do Terceiro Mundo – obra esta que, aliás, nos dias de hoje, só tende a crescer. Mas no interior disso, dessas três vertentes de esquerda na filosofia da educação brasileira, nunca abrimos espaço para uma discussão séria, sem preconceitos, a respeito das "novas tecnologias educacionais".

O mais engraçado disso é que, de fato, as próprias pessoas de esquerda, elas mesmas, no início da computadorização das atividades acadêmicas no Brasil, foram resistentes. E hoje, de vez em quando, pegamos um filósofo ou filósofo da educação, reclamando que está com a caixa de mensagens eletrônicas cheia (ele não sabe usar a opção "ler no site") por participar de uma comunidade virtual etc. Até hoje, não raro, ainda escuto (e tento me manter sério), gente de esquerda dizendo que "tecnologia é coisa de americano, do capitalismo etc. e tal", como se estivesse falando da vinda do próprio demônio à Terra. É claro que essas mesmas pessoas, em questão de poucos meses, ainda antes de 2003, já não vão existir mais. Mas no momento que escrevo, à esquerda em filosofia e filosofia da educação, não só no Brasil, mas no mundo, devagar, discute, senão as tecnologias em educação, pelo menos a "www", o ciberespaço etc. Mas é uma discussão pouco fértil.

Ainda é uma discussão viciada, preconceituosa, com jargões que viram equações erradas tais como esta: "globalização + internet + neoliberalismo = pós-moderno". Os termos da equação se alteram, mas seu tipo é um paradigma de discussão dentro de uma esquerda que, não tendo conseguido



entender sua própria incapacidade, agora quer justificar sua incapacidade glorificando a capacidade do capitalismo e de quem seria o seu testa de ferro, Bill Gates: esses diabos absorveriam o mundo e destruiriam todos no mais vasto, complexo e terrível fenômeno de alienação completa. Para fechar o quadro, então, esses elementos de esquerda terminavam dizendo, com algum texto do Robert Kurz na mão: "tudo está armado para o final dos tempos: globalização, neoliberalismo, pós-modernismo e internet – as quatro bestas do Apocalipse". Aí, dos escombros do fim do mundo, aparece mais um militante dinossáurico dessa esquerda e grita: "falta uma besta". Ahhh, sim: "a clonagem". Assim, para completar o quadro de pseudo teoria, esse mesmo militante assimila tudo isso, invocando às vezes de modo que mereceria uma severa punição, o espírito de Adorno, para dizer que tudo o que está ocorrendo representa a "volta do Nazismo".

Por que os sociólogos alimentam alguns filósofos e, principalmente alguns filósofos da educação, não só no Brasil, com essa parafernália pseudo intelectual que citei acima? Por uma razão que tem lá sua simplicidade, e que meu exemplo doméstico tentou dizer: a esquerda conviveu sempre muito mal com a tecnologia. E a esquerda em filosofia da educação foi incapaz de entender, de modo menos simplista, menos simplório, o que poderia significar "novas tecnologias educacionais". A esquerda se tornou reacionária em relação a isso. E pior, em grande parte, ficou no último vagão do trem que pode discutir o assunto.

Assim, na tentativa de discutir novas tecnologias e, enfim, na tentativa de poder entender a internet como capaz de colaboração ou não na educação, não raro a esquerda vem repetindo os erros que fez quando de suas críticas à televisão. E isso gera um apoio não ao pensamento de esquerda, mas alimenta a confusão intelectual e moral, a ponto de fazer certas pessoas de esquerda odiarem a Rede Globo independentemente do que ela produz ou deixa de produzir. Assim, leio nos muros da cidade de S. Paulo, um grafite com os dizeres: "Rede Globo: fábrica de prostituta, veado e drogado". Ora, tal frase é de direita, é claro. Mas será que, há muito pouco tempo, não teríamos um brizolista para dizer o mesmo? E ele não se reivindicaria "de esquerda"? Aliás, para lembrar a PUC-SP, mesmo existindo o PMDB e o PT lá dentro, havia os que admiravam Brizola, exatamente na medida em que ele agia dentro dessa



confusão mental! Às vezes penso que, em parte, aquele programa deu com os burros n'água, até mudando o nome, exatamente por conta disso... Mas isso é outra história.

A reflexão em filosofia e, em específico, em filosofia da educação, sobre novas tecnologias em educação, e em especial em relação ao caso das funções da internet, às vezes não passam os limites da confusão que está no grafite que citei, e que devo ter visto na avenida Rebouças, na minha cidade natal, São Paulo. Em grande parte, por incrível que possa parecer, aquilo que é anedota, é o que muitos que ministram aulas em filosofia da educação acreditam: a "teoria da conspiração", igualzinho aparece no filme de Julia Roberts e Mel Gibson.

Professores de filosofia e filosofia da educação – talvez mais de filosofia da educação! – acham, como o personagem de Mel Gibson no filme, que no Brasil tudo se faz dentro de um quarto escuro, onde o Roberto Marinho recebe, junto com o ACM, satanás em pessoa, e então telefonam para a FIESP, de modo a colocar o Collor ou o FHC na presidência. Faz sentido! Mas é ridículo. Internacionalmente, então, o mesmo ocorreria, mas os personagens que receberiam o diabo seriam outros: o presidente americano (ou todo o povo americano) junto com Bill Gates (ou qualquer coisa igual) tramariam o destino do mundo, oferecendo tal destino ao demônio que, em compensação, lhes dariam secretárias e estagiárias para orgias etc. Essa versão internacional nem faz sentido. Mas não deixa de ser tão ou mais ridícula que a versão nacional da "teoria da conspiração". Ora, é com isso que a esquerda, em filosofia da educação, vai querer analisar o ciberespaço? É isso que ela sabe dizer?

Se a esquerda que diz isso fosse sofisticada, não diria isso. Mas se dissesse isso, e ainda assim fosse sofisticada, ela poderia me responder assim: "Paulo, Adorno nos ensinou que a melhor teoria para um mundo onde tudo está cru, é a pior teoria, aquela mais crua, por isso analisamos os fatos com essa caricatura que é a teoria da conspiração e... acertamos!" Afinal, no início dos anos 90, não descobrimos que Walt Disney colaborava com a CIA? Sim! Se respondessem assim, eu veria como uma resposta de jogo de palavras. Mas eu acharia engraçado e até acreditaria na vida inteligente no Planeta Comunista.



Mas a resposta da esquerda não é essa. Quem pensa o que de fato uma boa parcela da esquerda pensa, e que eu disse acima, não tem sofisticação necessária para me responder coisa alguma aproveitável. Quem tem essa "teoria da conspiração" na cabeça, no caso da filosofia da educação, quando olha para a internet, a vê como algo assimilável aos velhos meios de comunicação que poderiam ser enquadrados dentro do que tal esquerda, às vezes sabendo às vezes não sabendo o que diz, chama de "indústria cultural".

A falta de uma tradição no pensamento em filosofia da educação, dentro da esquerda, no que concerne o objeto "tecnologias educacionais", a leva, agora, diante da internet, a apelar para jargões. Os professores que seguem isso, então, acreditam que estão diante de algo que é apenas mais um meio de comunicação; usam do mesmo modelinho teórico que aplicaram para dizer que o jornal, o rádio, a televisão e, enfim, as apostilas de um cursinho, era tudo tecnologia, tudo meio de ensino, e que, como *meio*, apenas afastavam educador e educando de algo nobre que era a relação viva entre professores e alunos. Entre os vivos, estaria o morto, ou seja, a máquina, a técnica, a apostila etc. E pior, um morto controlado por capitalistas horrendos, prontos para "alienar as massas".

Não é fácil sair disso! Os professores, e em especial os professores de filosofia e filosofia da educação, muitas vezes, acreditam que estão certos única e exclusivamente porque estão ficando sozinhos. É uma estranha forma de pensar essa: "se todo mundo vai para um lado, então, o lado certo é a não unanimidade – pois a unanimidade é burra –, e eu vou para o outro lado". Já vi gente inteligente pensar assim. Adorno, por exemplo, fez a apologia da discórdia, a apologia de você poder, diante de apelos às massas, dizer não. Mas Brizola, diante do Plano Cruzado – que nas bases era correto –, sem saber do que se tratava, também fez o mesmo. E foi assim que ele apoiou Collor na questão da discussão do impedimento deste na presidência da República: ele ia do lado contrário. Às cegas, mas ia. Ele fazia questão de ir do lado contrário de tudo que lhe parecia ser um grande complô entre os grandes capitalistas e uma parcela da esquerda (o PT era seu alvo).

O raciocínio de uma parcela de professores de filosofia da educação diante da internet, hoje, não é diferente: eles vão para o lado contrário do que a maioria pensa. Se engenheiros, físicos, médicos, químicos, tecnólogos etc. vão



para a internet como ambiente de educação, então, esses professores, de modo pedante, dizem: "os que não têm formação humanística vão para o lado que está morto, o lado da máquina, então, eu, solitariamente, ficarei aqui, escrevendo com meu bom e velho lápis, e com meu bom e velho comunismo, em defesa da humanidade".

Às vezes a reflexão da esquerda parece mais sofisticada que isso. Dá voltas e voltas, explica todo o modo de produção capitalista e o famoso "capitalismo tardio", mas nada diz que não o mesmo jargão de quem está alucinado pela "teoria da conspiração" ou por quem leu dez artigos do Robert Kurz na *Folha de S. Paulo* – o que significa ter decorado um artigo só. E, no que concerne a "www", nada se fala além de meia dúzia de conhecidas frases negativas já aplicadas às outras coisas.

O que a filosofia da educação de esquerda talvez não consiga enfrentar é, simplesmente, o seu competidor *real*: a filosofia da educação liberal-radical. E que me entendam corretamente: não estou usando o termo "liberal", aqui, para esconder, em filosofia da educação, professores dessa área que, no passado, nos pareceram de direita. Esses que no passado nos pareceram direita – aqueles que fecharam as experiências do movimento progressivo em Educação no Brasil – continuam na direita. São de direita. Podem se dizer liberais, mas não podem ser dizer democratas. Estou falando aqui em liberais radicais em um sentido específico: os que são liberais – na medida em que mais ou menos aderem aos princípios largos do liberalismo político e econômico; e que são democratas, isto é, os que, no mínimo, querem que as decisões sejam de maiorias sem que isso possa esmagar minorias, e que amam qualquer política que queira evitar a humilhação dos fracos pelos fortes. Ora, esses liberais-radical, que a meu ver são os que poderiam, hoje, melhor encarnar os valores da esquerda, deixando a esquerda tradicional falando sozinha, são exatamente os que podem ver a internet como tendo um potencial de implementação da liberdade individual e do igualitarismo social.

Prof. Borges

